

## **OS RITUAIS E O COTIDIANO ESCOLAR – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ PROFESSOR ERASMO PILOTTO(1940-1960)<sup>1</sup>**

**Marilda Iwaya**

A hora 10,30, foi inaugurado o Palácio da Instrução na rua Aquidaban. Às dez horas formaram em frente ao grande edifício os alunos dos grupos escolares Oliveira Belo e Carvalho, em completo uniforme branco, o grupo Anexo e a Escola Normal estando todos os alunos de uniforme. As normalistas ocuparam as alas de entrada, em uma linha do portão ao centro do edifício para prestar honras ao Presidente do Estado.

Às 10 horas e 30, o sr. Munhoz da Rocha chegou ao Palácio da Instrução, sendo recebido pelo Dr. Lisymaco Ferreira da Costa, diretor da Escola Normal, Prof<sup>o</sup>. Pietro Martinez, Inspetor Geral de Ensino, e José Conrado, Secretário do Ginásio Paranaense. Em seguida, entraram o Sr. Bispo Diocesano, Gal. Comandante da Circunscrição Militar, Dr. Romualdo Baraúna, Presidente do Congresso do Estado, Desembargador Vieira Cavalcanti F<sup>o</sup>., Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, várias autoridades estaduais e federais, deputados e lentes do Ginásio e Escola Normal. Colocaram-se todos na sala de entrada da parte térrea do edifício, em cuja parede se achava uma placa, velada pela Bandeira Nacional... (Comércio do Paraná, 9/set/1922).

A inauguração do prédio do Instituto de Educação<sup>2</sup>, denominado Palácio da Instrução, fez parte das comemorações do centenário da Independência do país, em sete de setembro de 1922. A data não poderia se melhor escolhida, considerando-se o significado da escola num país que buscava afirmar-se politicamente.

A presença de autoridades políticas, militares e eclesiásticas, o ato simbólico de descerrar a bandeira que cobre a placa, o discurso do diretor da escola, os hinos cantados pelos alunos e, por fim a visita às salas do colégio compõem o ritual inaugural, entre tantos que se sucederam na nova Escola Normal de Curitiba.

Da mesma forma que a preocupação com a arquitetura escolar trazia consigo a intenção de chamar a atenção da população para a escola pública, as celebrações escolares, a participação de alunos em solenidades cívicas, as exposições escolares abertas ao público, as

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de um dos capítulos da dissertação de mestrado intitulada: Palácio da Instrução-representações sobre o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (1940-1960), cuja defesa ocorreu em 2001 na UFPR.

<sup>2</sup> O Instituto de Educação do Paraná passou por várias denominações ao longo de sua história:

1876 – Escola Normal funcionado junto com o Ginásio Paranense

1923 – Escola Normal Secundária

1936 – Escola de Professores

1946 – Instituto de Educação do Paraná

1992 – Instituto de Educação Prof. Erasmo Pilotto

1993 – Instituto de Educação do Paraná Prof. Erasmo Pilotto

formaturas e até mesmo o temor criado em torno da prova oral são formas da escola se expressar, de exibir-se, de mostrar trabalho e competência através do desempenho de seus alunos. Para estes eventos, os alunos são exaustivamente ensaiados e preparados para que tudo transcorra conforme o planejado. Estas são práticas escolares que “*expressam a dimensão simbólica da escola*” (Souza,1998, p.242), ou parafraseando o antropólogo Roberto DaMatta, promovem a identidade e constróem o caráter da escola, eternizando, ou perenizando algumas situações (1983, p.24).

Como toda a prática humana, a educação também é constituída por ações de rotina e ações de ritual. Nesse sentido, as festas, as formaturas, os exames finais, as homenagens aos símbolos nacionais, e outros, podem ser considerados rituais escolares. Segundo Roberto DaMatta “*o ritual é definido por meio do contraste com os atos do mundo diário, o ponto focal passando a ser as oposições básicas entre seqüências de ações dramáticas que todo cerimonial ou ritual deve necessariamente conter, construir e elaborar*”(1983, p.36-37). Mas alerta o autor: “*os elementos que constituem os rituais são os mesmos elementos que compõem a vida diária, sua matéria-prima é a mesma das demais relações sociais, no entanto, o ritual coloca em foco, em destaque algum elemento da vida social*” (ibidem, p.65). Fazendo a aproximação com a realidade escolar, observamos que os rituais seriam momentos em que a escola “*se desdobra sobre si mesma, mira-se no seu próprio espelho social e ideológico e projeta múltiplas imagens sobre si mesma*”(ibidem, p.35). São momentos marcantes na vida do aluno e da instituição, porque os tiram do dia-a-dia rotineiro e repetitivo. Com o passar do tempo ganham uma importância para o aluno, muito maior do que aquilo que foi propriamente ensinado como conteúdo curricular.

O que fica muito da escola são as festas que teve, essa coisa do dia a dia mesmo, de brincadeira e tudo, você não guarda muito. O que você estudou, nem nada, aquilo você assimila e forma isso que se diz que é cultura, que você esquece, né, e ficam as alegrias que você passou na escola ou as grandes tristezas, as grandes emoções é que ficam (Profª. Chlorís, 2000).<sup>3</sup>

Entre as grandes e também sofridas emoções vividas pelas alunas durante o curso, certamente encontravam-se as provas orais. A prova oral era realizada ao final do ano e compunha a média final do aluno juntamente com a prova escrita. Consistia na argüição do aluno por uma comissão examinadora composta por três professores, cujo assunto girava em

---

<sup>3</sup> Os depoimentos orais de ex-professoras e ex-alunas constituíram-se em importante fonte para a realização deste trabalho.

torno de um ponto sorteado. As provas eram devidamente registradas em atas, nas quais constavam as notas de todos os alunos.

Aquela prova oral durava a tarde inteira, inteira, porque era três professores, passava , falava pra um, depois ia lá, falava com o outro. E, sorteavam um ponto, né? Tinha uma listagem de vinte pontos (Prof<sup>a</sup>. Odette, 2000).

Todas as provas mensais que você fez, não interessava, tinha prova final, escrita e oral com um ponto sorteado na hora! A cambuquinha lá, sorteava um ponto, passava por uma banca de três, o seu professor e mais dois, cada um fazia uma pergunta. E a prova escrita era dissertativa... Sorteada também ( Prof<sup>a</sup>. Marli, 2000).

Os procedimentos a respeito das provas orais são descritos praticamente da mesma maneira, sendo possível perceber o elemento de dramatização o qual lhes fornece um novo sentido. De acordo com DaMatta, *“o que chamamos ritual, cerimonial, festividade, etc, é o momento extraordinário que permite colocar em foco um aspecto da realidade, e, por meio disso, mudar seu significado cotidiano ou mesmo dar-lhe um novo significado. Tudo que é “elevado” e colocado em foco pela dramatização é deslocado, e assim pode adquirir um significado surpreendente, novo, capaz de alimentar a reflexão e criatividade”* (ibidem, p.30).

De prática rotineira na vida escolar, a avaliação adquire um novo significado, quando colocado numa posição especial, cercada de gestos ensaiados e palavras repetitivas e pré-estabelecidas que permaneceram na memória coletiva das ex-alunas.

As festas escolares constituem-se em outra dimensão da cultura escolar instituídas nas escolas públicas no final do século XIX, que vêm também contribuir para dar identidade e chamar a atenção da população para a escola. Quando se refere às festas de encerramento dos grupos escolares Rosa Fátima afirma que *“esta compreendia, pois, uma festa oficial, uma solenidade na qual, reunindo toda a comunidade escolar, as famílias, as pessoas “gradas” da sociedade, as autoridades e a imprensa, a escola reafirmava sua identidade e o seu valor social. Por isso, nada melhor para divulgar o seu trabalho e o seu prestígio do que o ar solene, grave, formal dessas festas, juntamente com o espetáculo, a encenação realizada pelos próprios alunos – sentido primeiro da existência da escola”*(Souza, p.253).

No Instituto de Educação do Paraná, as festas de maior destaque eram as de caráter cívico, e as de formatura, que, a rigor não são consideradas exatamente como festas, mas sim solenidades, uma vez que apresentam um caráter formal. *“São eventos centralizados e se baseiam em momentos bem marcados”*(DaMatta, p.38), ou seja, existe um objeto à quem se faz a “festa”, e uma assistência a quem se apresenta, não havendo espaço para a

espontaneidade ou para a individualização. As depoentes não fizeram menção a comemorações de feriados religiosos no I.E.P., mas é citada e explicada detalhadamente por uma das depoentes as “Festas da Primavera”<sup>4</sup>.

As festas cívicas eram a culminância de um processo de treinamento cívico que ocorria durante o ano todo. Nas aulas de música, as ex-alunas mencionam apenas o aprendizado de hinos, os quais também eram cantados no pátio durante as homenagens a bandeira, que ocorriam, em algumas épocas, semanalmente, e em outras, diariamente, conforme os depoimentos.

A parte cívica do Instituto era muito bem trabalhada. Por exemplo, hoje não se fazem na entrada da aula, antes iniciavam às oito horas e estavam os alunos lá do primário, da escola de aplicação, todos perfiladinhos lá no pátio. Nós, as normalistas todas nas sacadas. E todos os dias: hino nacional, o hino da bandeira ou um outro hino, e o hasteamento da bandeira lá na frente. Isso era todo o dia, antes de você entrar, a gente tinha seção cívica (Prof<sup>a</sup>. Eponina, 2000).

Eram muitos os hinos ensinados no I.E.P. Além dos mais conhecidos, Hino Nacional, Hino à Bandeira e Hino da Independência, também havia o Hino Brasil Novo, Hino aos Professores, Hino às Flores, Hino do Ginásio Feminino de Curitiba, Hino dos Operários, Hino da Aviação Nacional, Hino do Centro do Cultura Dona Júlia Wanderley, Hino à Liberdade e outros.

A escola pública, desde a Proclamação da República cumpriu a missão que lhe foi confiada; a de construir e preservar uma identidade nacional através do culto aos símbolos nacionais, a um passado glorioso e aos heróis nacionais. O Sete de Setembro constituía-se no momento em que todas as atividades cotidianas eram interrompidas e a sociedade saía às ruas exibindo sua organicidade e unidade. Cada grupo social representando diferentes valores e

---

<sup>4</sup> Nós tínhamos as festas da primavera, que eram belíssimas! Tinha desfile[...] Então, essas festas vinham da época do Dario Velozo. Que eles instalaram, e se reportavam à Grécia. Então muita coisa eles trouxeram daquela[...] e eles criaram um desfile da festa da primavera. Meu nome é decorrência dessas festas! E onde eles faziam um desfile na cidade, de carros alegóricos, com roupas da Grécia, moços, moças, era a festa deles. Então era uma vez por ano, eles saíam do Templo das Musas, e iam até a ilha do Passeio Público. E lá, já tinha os poetas, Emílio de Menezes, e diziam versos, mas eu alcancei a festa da primavera nas escolas, que foi substituída depois por ecologia, primeiro pelo Dia da Árvore, depois por ecologia. Então era feita a festa da primavera de flores! E a escola inteira se enfeitava de flores! Era muito bonito! E as professoras ensinavam muita dança, então os professores faziam bailados, e Curitiba toda se envolvia naquilo. Eu participei, eu era bem menina quando entrei pra Escola Normal, e a prefeitura cedia caminhões, eles enfeitavam de guirlandas de flores os caminhões, e faziam um desfile, e cantavam, e nós cantávamos o hino da primavera. Então o desfile era feito pelas escolas, cantando os hino! Era muito bonito[...] Todas as escolas participavam, e passavam pela rua Quinze, iam até o Correio, e voltavam, como no carnaval[...] Era muito bonito esse dia-a-dia dessas festas. E nós dançávamos muito é bailado. E na época, aí já ultrapassava as paredes da escola; o Curitiba, a Thalia, o Círculo Militar faziam bailes da primavera, que depois foram substituídos pelos “debus”. Que as moças vão debutar, e não sei o que (Prof<sup>a</sup>; Chlorís, 2000).

ideais, seja o trabalho, a força ou a coragem, almejados por uma nação “*que rompia com o passado colonial e entrava no mundo da liberdade e da autodeterminação*”(DaMatta, 1983, p.42). Os escolares certamente representavam o futuro e as esperanças de progresso da jovem nação, e todo o esforço era feito da parte dos professores para que seus alunos se mostrassem capazes de cumprir o que o país esperava deles. Estar impecavelmente uniformizado, com toda a atenção voltada para as ordens superiores e absolutamente sincronizado com o grupo eram bons indicativos de que a escola estava cumprindo seu dever de formar cidadãos que honrariam sua Pátria.

Segundo as depoentes, no I.E.P., as comemorações da Independência duravam uma semana, quando as atividades cotidianas eram interrompidas para palestras, para a visita de autoridades militares, para cantar os hinos e para os ensaios do desfile. Os alunos desfilavam ao longo da rua Quinze de Novembro, com início na praça Santos Andrade e término na praça Osório .

A semana da Pátria era a semana inteira, convidavam pessoal de fora, sabe, generais prá vir falar, era muito, muito bonito!  
E desfilavam, era toda aquela preparação, era marchar, marchar, marchar, como marchávamos!  
(Profª. Odette Regina, 2000)

A sincronia nos passos, o uso do uniforme que iguala as pessoas, a repetição dos gestos e verbalizações dão o exato sentido da dramatização que caracteriza o ritual (DaMatta, 1983, p.45).

Na década de 1950, as alunas do I.E.P. desfilavam com o próprio uniforme escolar, utilizando como único detalhe, luvas brancas, compondo um visual mais elegante e solene. Já em 1940, havia um uniforme especial para os desfiles: vestido branco de linho, de mangas curtas e sapato branco. A participação de todos os alunos da escola, desde os pequenos do Jardim da Infância, que desfilavam portando objetos que imitavam brinquedos, passando pelo primário, ginásio e curso normal, dava destaque à exibição do Instituto de Educação nas ruas. Também os diretores e professores participavam, saindo à frente das turmas.

Havia um desfile, militar, era o Dia da Raça, e o sete de setembro era uma semana inteira: no dia quatro começava. Então a gente fazia uniforme novo, os professores desfilavam junto, depois é que foi ficando uma coisa mais formal, eu acredito que até por causa da guerra, aí depois a ditadura, as coisas foram tomando um outro caráter não tão escolares e nacionais. Foram já caindo para um nacionalismo exagerado, e como sempre quando as coisas vão ao extremo, elas se desgastam (Profª. Chloris, 2000).

Apesar de lembrados com orgulho por algumas alunas que procuram transmitir em seus relatos a dimensão e o significado que eram atribuídos na época, às comemorações da Semana da Pátria, nem todas envolviam-se completamente no clima de patriotismo que lhes era solicitado, o que às vezes, incluía colocar o amor à Pátria acima de sensações físicas desconfortáveis.

Não gostávamos dos desfiles, de vestido de linho branco, de manga curta no dia sete de setembro sempre fazia frio (Profª. Ceres, 2000).

Profª. Odette Alice também recorda-se que buscava subterfúgios, como um atestado médico, com o intuito de “escapar” dos desfiles.

Nas comemorações do centenário da emancipação do Paraná, o I.E.P. teve participação de destaque:

Nós participamos da festa do centenário do Paraná, em 53. A nossa turma foi um pelotão que desfilou com todas as bandeiras. Todas! Então houve um ensaio de ginástica rítmica, que se fez lá no Estádio do Curitiba. E no dia houve uma apresentação de ginástica rítmica. (Profª. Marli, 2000).

As comemorações cívicas em geral, desempenham o papel de reforço da estrutura social e das hierarquias. Diferentemente dos rituais de passagem, que podem apontar para alguma mudança, nestes casos seus participantes retornam à rotina ainda mais convictos dos valores concernentes à ordem social.

As solenidades de formatura do Instituto de Educação constituíam-se no momento máximo da vida da normalista. Simbolizavam a passagem da vida estudantil para a vida profissional, e para aquelas que não iriam trabalhar, marcava o encerramento dos estudos com o reconhecimento da capacidade intelectual da aluna, que havia conseguido vencer os obstáculos colocados pela escola. Na verdade tinha quase o significado de um coroação da qual fazia parte a foto na escadaria:

A foto na escadaria era a glória para a gente! Era assim um motivo de orgulho maior, assim, a coroação, parece que era a coroação prá nós. Chegava, começava ali, posicionava para a foto, a gente já se sentia meio professora! Podendo entrar pela porta da frente porque já éramos professoras (Profª. Marli, 2000).

Para quem havia estudado no Palácio da Instrução nada mais lógico do que ser coroada ao final dos estudos, em solenidades que contavam com a presença de autoridades políticas e eclesiásticas:

A colação de grau foi muito bonita. O discurso do paraninfo foi muito bom[...]E vinha o governador, vinha o Arcebispo, era muito sério! Platéia toda de chapéu! Era uma divulgação muito grande, era um acontecimento em Curitiba (Profª. Chlorís, 2000).

Na década de 1940 as formaturas eram noticiadas em jornais da cidade, e os bailes aconteciam em clubes freqüentados pela elite curitibana, como Thalia, Concórdia ou Curitiba.

#### **Sociedades**

As professoras normalistas, formadas pela nossa Escola de Professoras, em a noite de hoje e nos salões do Clube Concórdia, oferecerão um grande baile a nossa sociedade, baile que vem sendo aguardado com grande expectativa pelos nossos meios sociais. A hora inicial da grande serata das novas professoras normalistas é às 22, sendo que o traje exigido é o de rigor (Gazeta do Povo 22/11/40).

Também individualmente eram noticiadas a formatura de alguma aluna cuja família provavelmente dispunha de alguma influência na cidade.

#### **As novas professoras de 1940**

Dentre as novas normalistas de 1940, que acabam de receber o seu diploma, pela nossa Escola de Professores, figura a gentil senhorita Leony Leal Calderari, filha do sr. Tito Calderari e de D. Nazinha Leal Calderari, elemento da sociedade paranaense.

Desde o início dos seus estudos, assim como nos cursos secundários, feito no conhecido educandário “Partenon Paranaense” e de Professoras, feito na Escola de Professores do Estado, mostrou-se sempre muito aplicada aos seus afazeres estudantis, sendo por isso muito estimada dos seus mestres e colegas.

os louros da vitória, graças aos seus dotes de coração e profundo amor aos estudos. (De inteligência invulgar a jovem patricia que escolheu a nobre arte de ensinar, por certo colherá Gazeta do Povo 30/11/40).

Levando-se em conta a origem social das alunas do Instituto, o prestígio que a escola possuía, e que a profissão de professor detinha, além do fato de ainda serem minoria as mulheres que cursavam o curso secundário nesta época, é de se esperar que as solenidades de formatura fossem planejadas cuidadosamente, não só pelos alunos, mas também pela escola, para que estas resultassem em espetáculos de harmonia, de alegria, e otimismo. As dificuldades de qualquer nível, as rivalidades internas, as dúvidas e incertezas, deveriam dar lugar aos aplausos, sorrisos e choros emocionados.

Nas formaturas, a escola não somente mostra-se à sociedade no máximo de seu brilhantismo mas, principalmente realiza-se, na entrega simbólica de novos profissionais.

A formatura foi muito boa. Colamos grau de uniforme azul marinho, com saia que brilhava atrás, de tanto passar as pregas, meia preta, foi na Sociedade Thalia, então levávamos, cada uma levava o seu pai ou, como eu não tinha pai, era o irmão da minha mãe, o meu padrinho que eu desde criança eu escolhi, porque eu fui batizada depois dos sete anos. Então ele veio de São Paulo especialmente, me trouxe um álbum para eu botar os retratos da formatura, e acompanhava a gente até a mesa dos professores, lá no palco, então a gente recebia o diploma, era cumprimentada, e não havia esse “auê”, esse circo que agora são as colações de grau. Era respeito, depois havia um baile, de vestido de baile, aí a gente dançava a valsa com o pai, eu dancei com meu irmão, e *depois a valsa da meia noite*, quem tinha namorado era o namorado, quem não tinha escolhia um conhecido pra dançar. Mas era tudo dentro dos, [...] como mandava a época. Era mais ou menos um baile de debutante da gente. Com vestido longo, né? (Profª. Ceres, 2000).

Na década de 1950, as formaturas passaram a ser realizadas no espaço do Colégio Estadual do Paraná:

(As formaturas) Eram bem requintadas, muito bonitas. Sabe, a do magistério era muito preparada! Sempre no Colégio Estadual, porque nós não tínhamos aqui espaço, tinha só o salão nobre. Havia muitos cantos (músicas) na formatura...(Profª. Odette Regina, 2000)

As reações das alunas quando se referem ao término do curso são distintas, e podem estar relacionadas com as perspectivas que cada uma tinha em relação a vida profissional. Profª. Ivone relata que:

Eu tinha tanto amor pela escola que quando eu terminei o curso eu não queria ir embora, eu sentei, e fiquei, chorei muito, não conseguiram me tirar de lá.

Talvez a profª. Ivone já estivesse percebendo ou já soubesse que sua atuação no espaço público estivesse terminando ali, pois foi impedida pela família de exercer a profissão.

Profª. Ceres relata de forma bem distinta o seu final de curso:

A única travessura que eu fiz na escola foi no dia que disseram que eu passei. Eu peguei todos os livros e joguei lá prá baixo (da janela do colégio). O prof. Erasmo Pilotto ia entrando, mas ele não disse nada. Primeira vez[...] ele viu que era de alegria, acabou a escola. Aí eu ia jogar o uniforme, eu ia queimar o meu uniforme, que era veja bem: seis anos de vida de meia preta e roupa azul marinho e laço. Mas depois eu não joguei fora por que uma vizinha nossa, o pai não tinha condições e ela acabou aproveitando o uniforme também.

Como parte do ritual da formatura, as melhores alunas da turma que estava se formando, eram premiadas. Era instituído pelo Estado que as três primeiras colocadas do curso, receberiam uma nomeação direta em escola da capital, ao contrário das demais, que eram obrigadas a trabalhar durante dois anos em escola do interior do Estado. Ao estabelecer a premiação, “*o Estado reafirmava os princípios do liberalismo com base na valorização do mérito individual*” (Souza, 1998, p.247). Durante a cerimônia de formatura, as alunas eram chamadas publicamente e homenageadas.

A rotina escolar, a dura realidade do dia-a-dia é feita de vários momentos os quais só aparentemente são pequenos ritos escolares, principalmente pelo seu caráter repetitivo e teatral, mas estes nada têm de extraordinário, não requerem preparativos, pois são atos mecânicos e já interiorizados, mas que no entanto, estão continuamente ensinando e transmitindo valores através de linguagens muitas vezes mais eloquentes do que aquela utilizada pelos professores: “*O método, a organização, o controle físico, o tempo de trabalho são tão importantes quanto os conteúdos incutidos. Todos estes elementos encontram-se em estreita ligação com a estrutura do poder dentro dos colégios*” (Petitat, 1994, p.93).



A exigência do uniforme, a formação de filas antes de entrar nas salas, o controle de horários, as punições, são elementos que vão compor parte da cultura escolar das instituições de ensino em geral. Todas as ex-alunas do I.E.P. mencionam com ênfase a rigidez nas regras disciplinares estabelecidas pelo colégio, embora algumas tenham muito claro hoje que aquela era a disciplina própria para a época, sintonizada com a recebida na casa dos pais, ou seja, havia uma continuidade entre estes dois espaços institucionais:

Acho que quando começamos, logo de começo, depois acabou, nós formávamos antes de entrar. Então era muito organizado, não se falava alto nas escadas, havia aquilo que podia ser chamado hoje de disciplina autoritária, mas prá época ela não era autoritária. Ela fazia parte porque quando a gente ficava fora da escola o comportamento dos filhos era igual, então não se achava autoritário, né? Porque é[...] tudo era condizente com a forma que a gente vivia na casa da gente (Profª. Chloris, 2000).

Ah! Era rígido! Era rígido! Era horário e uniforme e respeito pelos professores, era muita disciplina! Inclusive as inspetoras que tinha na escola. Então tinha a Dona Celeste, que esteja em bom lugar, mas ela era terrível, porque se a gente tinha uma coisinha assim no uniforme ela mandava embora, e então tinha uma amiga minha um dia estava conversando com um rapaz, e estava de uniforme, imediatamente foi chamada pelo diretor, precisou a família ir lá porque ela ia perder a prova. E tinham as que naturalmente, as que furavam tudo isso, que tinha um ringue de patinação ali na Voluntários da Pátria. Eu não fazia nada dessas coisas porque, quando a minha mãe dizia que não era prá fazer, não era prá fazer, eu fui criança boazinha até me arrependo, mas aprendi a me defender depois, porque o mundo não é assim, né? Então essas coisas eu não gostava, iam a matinê, ao tal ringue, aí o seu Pilotto mandava as inspetoras atrás. Então era uma disciplina, mas havia o respeito[...]a gente sabia respeitar o professor, já trazia de casa aquilo, e era o professor que tinha razão pra família da gente[...] De vez em quando a gente para, fica meio revoltada com a disciplina como era normal, né, não tem adolescente que não se revolte! Nem antes, nem ontem, nem agora, vai ser sempre assim. Mas a gente tinha a mão forte da escola e a mão forte de casa! (Profª. Ceres, 2000).

A fala da profª. Ceres reflete o respeito à autoridade dos professores e à disciplina, ao mesmo tempo que demonstra uma certa mágoa por ter sido “tão boazinha”, percebe-se uma certa dúvida entre o “não gostar” das matinês, e o “não poder” imposto pela mãe antes mesmo da escola.

Os horários escolares constituem-se em outro aspecto bastante reforçado pelas depoentes:

Olha, eu me lembro assim, que era difícil você circular ali no saguão, na direção nunca, nunca mesmo, e as filas antes de entrar, na saída, muito pontual, muito controle na saída. Horários, os horários rígidos, rígidos, não tinha alunos pelo corredor, nunca, a gente nunca saía da sala. Levantava da carteira para atender o professor, quando ele chegava e[...]os horários muito rígidos. Batia o sinal da aula, de uma aula para outra e além de bater o sinal, a inspetora abria a porta e avisava: - Está no horário! Sempre me lembro da inspetora abrindo a porta e avisando como se fosse um bedel! (Profª. Odette Regina, 2000).

O controle dos horários é uma das mais fortes preocupações da instituição escolar, no sentido de um tempo sempre regulado e ocupado, implicando numa consciência onipresente do tempo (Frago, 1995, 73). Para Nobeit Elías a interiorização do tempo passa a ser mais uma

coação civilizatória. *“Esta coação é produzida e produz um sentido imperativo do tempo sentido, uma necessidade de saber a todo momento que horas são – e de modo mais exato possível - , de fazer as coisas a seu tempo, aquilo que está previsto que seja feito, de chegar sempre a tempo e de não desperdiçar o tempo”*(Elias,1989, p.150-155).

Desde o século XVI, a ideologia ou a exaltação ao trabalho passa a permear os planos de organização e funcionamento dos colégios, traduzindo-se numa nova relação com o tempo. Tanto entre os educadores católicos, quanto entre os adeptos da Reforma, o controle dos horários visando o máximo aproveitamento do tempo e evitando o ócio, tornam-se parâmetros para a avaliação não só da instituição, mas inclusive do aluno.

Confinado a um espaço fechado, e mantido em um local fixo, inserido em uma rede de vigilância mútua e de emulação, levado a seguir um horário pré-determinado, o aluno é incitado ao trabalho permanentemente. O ambiente espaço-temporal do colégio a um tempo apóia e dá caráter de atualidade à ideologia do trabalho por si mesmo. Contudo, é preciso destacar que esta ética do trabalho não se traduz em termos de formação profissional concreta, antes como uma cultura geral laboriosamente adquirida (Petitat, 1994, p.93).

Esta ideologia do máximo aproveitamento do tempo é assim traduzida por uma ex-aluna do I.E.P.:

A escola não dava muita possibilidade de você tratar de outras coisas. Um professor saía e já entrava outro, né? Já estava esperando. O prof. não saía antes da hora, geralmente sobrava trabalho prá gente fazer (Profª. Chlorís, 2000).

Em casa a preocupação com o controle do tempo era a mesma:

Então todas nós tínhamos muitas tarefa em casa, minha mãe tinha duas empregadas, mas quando eu chegava, tirava o sapato, e encerava, engomava, tinha horário prá tudo, tinha horário prá brincar, e se enchia a vida inteirinha! (Profª. Chlorís, 2000).

Toda a atividade escolar é organizada a partir da segmentação do tempo em horários de aula, intervalos, bimestres, anos, séries, etc, nos quais são acondicionados e “encaixados” o aprendizado que aluno deve assimilar, e a sua rentabilidade passa a ser um critério para avaliar sua capacidade, ou seja, *“o bom aluno é aquele que apreende rapidamente aquilo que lhe é ensinado; o mau aluno é incapaz de adquirir os conhecimentos no tempo destinado para tanto”* (Petitat, p.92). Pensar no tempo escolar é pensar também no discurso da ordem, da disciplina, “dos corpos dóceis” que passam horas sentados numa carteira escolar, com movimentos limitados.

Portanto, *“o tempo escolar – como o espaço e o discurso escolar – não é ‘um simples esquema formal ou uma estrutura neutra, “esvaziada” de educação, e sim uma seqüência , curso ou sucessão contínua de momentos nos quais se distribuem os processos e ações*

*educativas, o fazer escolar; um tempo que reflete determinados supostos psicopedagógicos, valores e formas de gestão, um tempo a interiorizar e aprender’ ” (Escolano, apud Frago, p. 72)<sup>5</sup>.*

Há eventos, que ocorrem na sociedade em geral, e conseqüentemente no espaço escolar que não podem ser caracterizados como rotineiros nem tampouco como ritos. Estão situados, segundo DaMatta, “*entre a rotina e o imprevisto, além do trabalho e aquém do divertimento*” (1983, p.38). Buscando a aproximação com o contexto escolar têm-se as transgressões escolares, que expressam bem a forma como as normas escolares se efetivam na prática. Enquanto a maioria dos alunos adapta-se às normas, há alguns que constantemente vêm-se desafiados a transgredí-las, a testar os limites impostos pela escola. É possível mesmo que esta pressão contrária às normas e regras disciplinares acabem por contribuir para mudanças no regulamento escolar.

As transgressões cometidas pelas alunas do Instituto, na época em estudo, estavam ligadas principalmente a fugas ou “saídas” do colégio, nos horários de aula. Eram saídas para brincar no ringue de patinação, para ir às matinês, ou para passear na rua Quinze. Também são lembradas como “travessuras”, circular pelos espaços escolares proibidos aos alunos, como a escadaria central e a que levava ao salão nobre, ou o hall de entrada.

[...]Tinha muita menina que conseguia fugir, que ia pra Praça Osório, aí os professores traziam de volta, alguém que passasse na rua trazia de volta. Porque sempre tem, né? Mas mesmo assim era, muito sério (Profª. Chloris, 2000).

Sei que, claro, nós éramos “levadas”, tinha o ringue de patinação ali na Voluntários da Pátria que fica ao lado da escola, né? E de vez em quando a gente fugia, a gente escapava. Mas isso, uma ocasião, ele (prof. Osvaldo Pilotto) foi nos buscar dentro do ringue! Foi um horror! (ri) Ele suspendeu todo o mundo. Mas eu não fui apanhada! Me escondi debaixo da escada (Profª. Alairta, 2000).

As transgressões à ordem implicam sempre na devida punição, que iniciavam com a advertência oral para as faltas mais leves, e terminavam com a suspensão do aluno nos casos considerados graves:

Havia duas advertências, depois pode contar[...] (suspensão). Não era permitido entrar sem uniforme completo, tinha que ser bem passadinho, passadinho. Tinha sempre uma inspetora no portão! Se não estivesse com o uniforme completo... (Profª. Marli, 2000).

Agora, eles sempre esclareciam no começo do ano, que se acontecesse alguma coisa a aluna recebia uma carta azul[...] que seria a expulsão! Se não seguisse as regras a escola. Sabe, os alunos eram muito cuidados pelos inspetores (Profª. Odette Regina, 2000).

---

<sup>5</sup> As traduções do espanhol são responsabilidade nossa.

Não foram encontrados documentos referentes aos regulamentos do I.E.P. no período pesquisado. Uma portaria datada de 15/02/32 traz um pequeno rol de regras disciplinares, que dizem respeito aos horários de entrada e saída da escola, cuja responsabilidade total pelo seu devido cumprimento cabia às inspetoras, e a proibição do uso do uniforme na rua, no horário do expediente escolar, principalmente se não estivessem acompanhadas por familiares. Percebe-se neste caso, que é muito maior a preocupação da instituição com a reputação de seu próprio nome do que com a segurança da aluna.

Através dos relatos das alunas da década de 1950, é possível perceber que as regras mantiveram-se as mesmas, e que as inspetoras continuaram gozando da mesma autoridade e respeito de vinte anos antes. Porém, já é possível notar um maior grau de tolerância nos horários de saída da escola:

No final de 55, no último ano do normal, já os namorados iam esperar na saída do colégio. Já havia algumas ali, naquele tempo casava-se cedo, algumas que já eram até noivas, então os namorados ou noivos, dependendo né, iam encontrá-las[...] é, iam esperar[...] [...]Podiam ir buscar. Só eles recomendavam, não havia uma proibição total, mas eles pediam (Profª.Marli, 2000).

## **FONTES E BIBLIOGRAFIA**

### **FONTES**

#### **ARQUIVOS DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ**

Livros de matrículas – 1940, 1950

Atas de exame final – 1943, 1946, 1947

Atas de formatura – 1958

Atas de reuniões da congregação – 1940, 1941, 1947, 1948, 1953, 1954, 1958

Registros de avaliações – 1940, 1949

Ofício interno 06/06/52, 11/11/52

Decretos governamentais - 1955

Histórico do I.E.P. - 26/7/43

Boletim de prova oral - 1944

Portaria n.1, 15/02/32

Livros:

FERREIRA DA COSTA, L. *Bases Educativas para a organização da nova Escola Normal Secundária do Paraná*, s.l.: s. n. 1928.

Jornais:

Gazeta do Povo. 1940, 1941

Comércio do Paraná. 1922

#### ACERVO PARTICULAR DE EX-ALUNAS

Fotografias, cadernos escolares, livro, documentos pessoais de ex-professores, diplomas.

#### ENTREVISTAS

Profª. Eponina Bassan Solieri (ex-aluna e ex-professora do I.E.P)

Profª. Odette Regina Bittencourt Reis (ex-aluna e ex-professora do I.E.P.)

Profª. Marli Rosa Brandt (ex-aluna do I.E.P.)

Profª. Odette Alice Bittencourt (ex-aluna do I.E.P)

Profª. Ceres de Ferrante ( ex-aluna do I.E.P.)

Profª Ivone Souza de Camargo ( ex-aluna do I.E.P)

Profª Terezinha Souza Carneiro Hecke ( ex-aluna do I.E.P)

Profª Chlorís Casagrande Justen ( ex-aluna e ex-professora do I.E.P)

Profª Alairta Menezes ( ex-aluna do I.E.P.)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHARTIER, R. *A história cultural – entre prática e representações*. Lisboa : Difel, 1990.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir – História da Violência nas Prisões*. Petrópolis: Vozes. 1983.

FRAGO, A.V. História de la educación e história cultural – posibilidades, problemas, cuestiones. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.0, set/out/nov/dez. 1995.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, M.M. História oral: os riscos da inocência. In: *O direito à memória: Patrimônio histórico e cidadania*. Departamento de patrimônio histórico e cidadania / Secretaria municipal de cultura do município de São Paulo, 1992.

JODELET, D. apud SPINK. M.J. *O conhecimento no cotidiano*, São Paulo, Brasiliense, 1993.

JULIA, D. A cultura escolar como objeto histórico. *Conferência de encerramento do XV ISCHE*. Lisboa, 1993 (Tradução livre de Marcus Levy Albino Bencostta).

NORA, P. Entre memória e história - a problemática dos lugares. In: *Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do dep. de história da PUC*. São Paulo, n.10, p.7-28,1993.

PETITAT, A. *Produção da escola / produção da sociedade*: análise sócio histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

SÁ, C.P.de. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

SOUZA, R.F.de. *Templos de civilização* - a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Unesp, 1998.

SPINK, M. J. (org.). *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1993.